

Cultivar *Semanal*®



Série S7 agora com tecnologia preditiva

JOHN DEERE
CONTIENE:
• Modelo S7
• Resacação e engrenagem
• Motor 13.6L
• 13.6L
• Automação dos pontos de colheita
EXCLUSIVIDADES JOHN DEERE
• Automação preditiva de velocidade
• HST 132 para o Deere S7

Índice

John Deere lança colhedoras Série S7 com tecnologia preditiva	05
John Deere apresenta tecnologias para a conectividade e agricultura de precisão	16
Embrapa conta trajetória da soja no Brasil Central	21
Syngenta tem mudança no negócio de Biologicals & Seedcare	33
Volkswagen confirma produção de nova picape na Argentina	36
Abbins elege nova diretoria	41
Amaggi e Naturall Carbon lançam projeto de agricultura regenerativa	45
São Paulo endurece multas para incêndios criminosos	49

Índice

Podridão peduncular cresce em pomares e ameaça safra de laranja 53

Nova técnica aumenta viabilidade do fungo "Trichoderma" 57

Pesquisa indica expansão da lagarta *Rachiplusia* nu em soja Bt no Brasil 74

Adama anuncia Eric Dereudre como "Chief Commercial Officer" 79

FMC e Bayer firmam acordo para comercializar herbicida Isoflex na Europa 83

Demanda crescente eleva preços de fretes no Brasil, diz Conab 88

Malu Weber assume liderança de comunicação da divisão agrícola da Bayer para a América Latina 92

Índice

Abelhas melíferas usam
aprendizado sequencial para
antecipar recompensas 96

Otimização do uso de fertilizantes:
desafios e soluções 101

John Deere lança colhedoras Série S7 com tecnologia preditiva

Apresentação aconteceu durante o "John Deere Space"

04.04.2025 | 20:51 (UTC -3)

Revista Cultivar



A John Deere apresentou, durante o evento "John Deere Space", a nova colheitadeira S7, um dos lançamentos mais aguardados da marca. A máquina chega equipada com tecnologia preditiva inédita, conectividade avançada e um design que visa otimizar a produtividade e a eficiência operacional no campo.

A principal inovação da colheitadeira S7 é a automação de colheita, que se divide em duas tecnologias fundamentais.

A primeira é a Automação Preditiva de Velocidade, que utiliza duas câmeras frontais instaladas na cabine para mapear o terreno a até 8,5 metros à frente da plataforma de corte. Essas imagens, combinadas com informações de satélite, permitem prever o rendimento da cultura e ajustar a velocidade da colheita 3,6

segundos antes do corte. Esse ajuste automático garante alimentação constante e mais eficiente.

A segunda tecnologia é a Automação das Configurações da Colheita, que utiliza a localização geográfica e o tipo de cultura para fazer ajustes automáticos nas configurações da máquina. Além disso, leva em consideração as preferências do operador, proporcionando até 10% a mais na qualidade dos grãos e 10% de redução nas perdas.



Felipe Santos, gerente de marketing e negócios de sistemas de produção para América Latina, explicou que a colheitadeira S7 foi desenvolvida para trazer ganhos expressivos de produtividade.

"Aumentar a capacidade operacional em até 20% é um grande diferencial", disse.

Ele também destacou o lançamento de uma plataforma maior, com a possibilidade de corte de 50 pés, uma inovação no Brasil.

Além disso, a John Deere introduziu o motor JD14 nas colheitadeiras S7 800 e S7 900. Esse motor de 13,6 litros, já utilizado em outros modelos da marca, como colhedoras de cana e algodão, foi integrado à linha S7, garantindo maior eficiência e suporte rápido por parte dos concessionários.

Outro ponto importante foi a inovação no sistema de corte e distribuição da palha. Felipe Santos destacou que o novo sistema assegura uniformidade ao picar palha e sua distribuição de maneira eficiente. Essa melhoria ajuda a manter a umidade do solo e facilita a aplicação de

defensivos agrícolas, o que contribui para o melhor desempenho no próximo ciclo de plantio.



A John Deere também anunciou um novo modelo de negócio baseado em licenciamento. Ao invés de um custo elevado na compra da máquina, os produtores poderão diluir esse valor ao

longo do tempo, pagando por licenças que oferecem acesso à tecnologia, ao monitoramento GPS e à conectividade JDLink Boost. Santos ressaltou que essa abordagem visa aumentar a adoção de tecnologias de ponta no campo, contribuindo para um salto na produtividade dos agricultores.



[Clique aqui e veja no Instagram](#)
[Click here and watch on Instagram](#)

Outros lançamentos

No evento, diversos outros produtos foram apresentados: colheitadeiras S5, tratores 9RX e plantadeiras 1200 e 3100FT. As colheitadeiras S5, por exemplo, possuem

o Sistema de Ajuste Automático ao Terreno (ATA), que reduz perdas em até 50%.

Já o trator 9RX promete até 40 hectares a mais de eficiência operacional por dia. Equipado com motores JD18 e tecnologias como o Efficiency Manager, oferece redução nos custos operacionais e maior conforto ao operador com sua cabine CommandView 4 Plus.

A plantadeira 1200 destaca-se pelo aumento de desempenho operacional e pela capacidade de autonomia de fertilizantes, além de reduzir o tempo de abastecimento de sementes. A série 3100FT traz alta tecnologia com acionamento elétrico para maior precisão no plantio. E o pulverizador 230M, com controle individual de pontas, oferece

economia de até 5% de produtos químicos.

Além disso, a John Deere ampliou sua linha de aplicadores de bioinsumos com os modelos FA 400, FA 600, FA 800 e FA 1300. Esses aplicadores ajudam a aumentar a produtividade e a qualidade das culturas de soja e milho.

Especificações das colhedoras da Série S7

Specifications S-Series Combines

COMBINE MODEL	S7 600	S7 700	S7 800	S7 900
Engine Specifications				
Type	John Deere PowerTech™	John Deere PowerTech™	John Deere PowerTech™	John Deere PowerTech™
Displacement	9.0 L (549 cu in.)	9.0 L (549 cu in.)	13.6 L (830 cu in.)	13.6 L (830 cu in.)
Emission Level	Final Tier 4 / Tier 2 (Australia/New Zealand)	Final Tier 4 / Tier 2 (Australia / New Zealand)	Final Tier 4 / Tier 2 (Australia/New Zealand)	Final Tier 4 / Tier 2 (Australia/New Zealand)
Rated Engine Speed	2,200 rpm	2,200 rpm	2,000 rpm	2,000 rpm
Rated Engine Power	249 kW (334 hp)	300 kW (402 hp)	353 kW (473 hp)	405 kW (543 hp)
Power Boost @ Rated Speed	25 kW (34 hp)	25 kW (34 hp)	25 kW (34 hp)	37 kW (50 hp)
Max Engine Power Speed	2,000 rpm	2,000 rpm	1,800 rpm	1,800 rpm
Max Engine Power	285 kW (382 hp)	343 kW (460 hp)	402 kW (540 hp)	460 kW (617 hp)
Fuel Capacity	950 L (250 gal.)	950 L (250 gal.)	1,250 L (330 gal.)	1,250 L (330 gal.)
DEF Capacity	74.2 L (19.6 gal.)	74.2 L (19.6 gal.)	74.2 L (19.6 gal.)	74.2 L (19.6 gal.)

Feeding				
Drive Type	Fixed or Variable	Fixed, Variable, or Multi-Speed	Fixed or Multi-Speed	Fixed or Multi-Speed
Conveyor Chain Slat Type	Cast Iron	Cast Iron	Cast Iron	Cast Iron
Width	139.7 cm (55 in.)	139.7 cm (55 in.)	139.7 cm (55 in.)	139.7 cm (55 in.)
Length	172.5 cm (67.9 in.)	172.5 cm (67.9 in.)	172.5 cm (67.9 in.)	172.5 cm (67.9 in.)
Feed Accelerator, Stone Trap (FAST)	Standard	Standard	Standard	Standard
Reverser	Standard	Standard	Standard	Standard
Threshing/Separating				
Separator Type	Rotary	Rotary	Rotary	Rotary
Rotor Length	312 cm (123 in.)	312 cm (123 in.)	312 cm (123 in.)	312 cm (123 in.)
Rotor Diameter	76.2 cm (30 in.)	76.2 cm (30 in.)	76.2 cm (30 in.)	76.2 cm (30 in.)
Rotor Speed Range (High / Low)	400-1,000 / 210-530 rpm	400-1,000 / 210-530 rpm	400-1,000 / 210-530 rpm	400-1,000 / 210-530 rpm
Rotor Threshing Concave Area	1.1 m ² (11.8 sq ft)	1.1 m ² (11.8 sq ft)	1.1 m ² 11.8 sq ft	1.1 m ² 11.8 sq ft
Rotor Separation Grate Area	1.54 m ² (16.6 sq ft)	1.54 m ² (16.6 sq ft)	1.54 m ² (16.6 sq ft)	1.54 m ² 16.6 sq ft
Discharge Separation Grate Area	0.36 m ² (3.9 sq ft)	0.36 m ² (3.9 sq ft)	0.45 m ² (4.8 sq ft)	0.45 m ² 4.8 sq ft

Cleaning				
Front chaffer	0.5 m ² (5.4 sq ft)			
Front Chaffer Extension (Code: 8496)	N/A	N/A	0.8 m ² (8.6 sq ft)	0.8 m ² (8.6 sq ft)
Chaffer	2.5 m ² (26.9 sq ft)			
Sieve Area	2.1 m ² (22.6 sq ft)			
Total Cleaning Area (louvered)	5.1 m ² (54.9 sq ft)	5.1 m ² (54.9 sq ft)	5.9 m ² (63.5 sq ft)	5.9 m ² (63.5 sq ft)
Cleaning Fan Speed	620-1,350 rpm	620-1,350 rpm	620-1,350 rpm	620-1,350 rpm

Grain Handling				
Grain Tank Size	10,600 L (300 bu)	10,600 L (300 bu)	14,100 L (400 bu)	14,100 L (400 bu)
Unloading Auger Length	6.9, 7.9, or 8.7 m (22.5, 26, or 28.5 ft)	6.9, 7.9, or 8.7 m (22.5, 26, or 28.5 ft)	6.9, 7.9, or 8.7 m (22.5, 26, or 28.5 ft)	6.9, 7.9, or 8.7 m (22.5, 26, or 28.5 ft)
Peak Unloading Rate	127 L/s (3.6 bu/sec)	150 L/s (4.2 bu/sec)	150 L/s (4.2 bu/sec)	150 L/s (4.2 bu/sec)

Base Weight – Less Head				
Front Axle	9,858 kg (21,737 lb)	10,366 kg (22,857 lb)	11,116 kg (24,511 lb)	11,116 kg (24,511 lb)
Rear Axle	9,646 kg (21,269 lb)	9,476 kg (20,895 lb)	11,170 kg (24,630 lb)	11,170 kg (24,630 lb)
Total Machine	119,504 kg (43,006 lb)	19,842 kg (43,752 lb)	22,286 kg (49,141 lb)	22,286 kg (49,141 lb)

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

John Deere apresenta tecnologias para a conectividade e agricultura de precisão

Empresa destacou diversas soluções, como JDLink Boost, Precision Upgrades, Autopath e outros

04.04.2025 | 19:06 (UTC -3)

Revista Cultivar



Horacio Meza e Antonio Carrere, durante apresentação de novas tecnologias

A John Deere apresentou soluções tecnológicas em seu evento "John Deere Space" com foco na conectividade rural e na automação de processos agrícolas. Entre as novidades, estão a solução de conectividade via satélite JDLink Boost e pacotes de atualização para equipamentos de gerações anteriores, além de inovações específicas para a cultura da cana-de-açúcar.

No evento, a John Deere anunciou a comercialização no Brasil do JDLink Boost. Essa tecnologia, desenvolvida para superar desafios de conectividade em áreas rurais, utiliza a rede Starlink, da SpaceX, para garantir comunicação contínua entre os equipamentos agrícolas.

A expectativa da empresa é conectar 1,5 milhão de máquinas até 2026, um

aumento significativo em relação às 775 mil já conectadas. A solução coleta dados operacionais e agronômicos das máquinas, enviando essas informações para a nuvem, o que possibilita ao produtor tomar decisões em tempo real.

Outro destaque foi o lançamento de pacotes de tecnologias voltados para o setor de cana-de-açúcar. O controle de tráfego foi aprimorado com a combinação de três soluções: Direcionamento Passivo de Implemento (ATIG), Autopath e Sincronismo de Máquina (Machine Sync). Essas inovações visam otimizar a precisão das operações no campo, como o plantio, a pulverização e a colheita. Conforme a empresa, o uso dessas tecnologias reduz danos ao solo e à soqueira, além de melhorar a eficiência e a produtividade da

cultura.

A John Deere também apresentou o "Precision Upgrades", pacote que permite a atualização de equipamentos antigos com tecnologias de ponta. As atualizações incluem sistemas para melhorar a precisão no plantio e na pulverização, como o MaxEmerge 5e e o See & Spray Select. Esta última tecnologia permite a identificação de plantas invasoras, o que resulta em uma redução de até 90% no uso de herbicidas, promovendo ganhos sustentáveis e econômicos.

“Desbloquear o potencial tecnológico do campo, por meio da conectividade rural e da agricultura de precisão, é ponto decisivo para o desenvolvimento socioeconômico do país. Sendo assim, em 2024, a John Deere investiu cerca de R\$

180 milhões na construção do primeiro centro de desenvolvimento e testes para a agricultura tropical do mundo, para que seus produtos sejam concebidos e testados em território brasileiro, considerando todas as variáveis”, explicou Antonio Carrere, vice-presidente de vendas e marketing da John Deere para a América Latina.



[Clique aqui e veja no Instagram](#)
[Click here and watch on Instagram](#)

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Embrapa conta trajetória da soja no Brasil Central

Na Tecnoshow Comigo, a empresa apresentará uma linha do tempo que conta a evolução das cultivares

04.04.2025 | 16:18 (UTC -3)

Lebna Landgraf



Tornar o Brasil o maior produtor mundial de soja - 147,35 milhões de toneladas, na

safra 2023/2024 - só foi possível com investimento em ciência para adaptar essa espécie para o cultivo em região tropical. Para demonstrar a evolução das cultivares de soja no Brasil, com foco no Centro-Oeste, a Embrapa estará demonstrando uma linha do tempo com diferentes cultivares de soja na sua Vitrine de Tecnologias no Tecnoshow Comigo, que será realizado de 08 a 12 de abril, em Rio Verde (GO).

A iniciativa pretende demonstrar a evolução deste grão, cujo início do plantio comercial no Brasil foi há 100 anos e também celebrar os 50 anos da Embrapa Soja, em 2025. Desde a introdução experimental da soja no Brasil, foram desenvolvidas diversas cultivares, sempre buscando incremento de produtividade,

adaptabilidade e resistência a doenças.

A Embrapa Soja teve participação ativa nessa evolução, tanto que em 50 anos a instituição desenvolveu cerca de 440 cultivares de soja. “A soja é a alavanca do agronegócio e da economia brasileira e isso foi possível, graças aos diversos atores que compõem a cadeia produtiva da soja – cientistas, técnicos e produtores - e que fizeram um trabalho de excelência”, destaca Nepomuceno.

Alexandre Nepomuceno, chefe-geral da Embrapa Soja.

Para compor a Vitrine da Embrapa, foram selecionadas 15 cultivares de soja, que fazem parte do Banco Ativo de Germoplasma (BAG), uma coleção de aproximadamente 65 mil acessos (tipos de

soja) introduzidos da coleção dos Estados Unidos e de outros países da África, Europa, Ásia, Oriente Médio e Oceania. "O BAG, mantido pela Embrapa, é responsável por guardar a variabilidade genética da soja. Quanto mais acessos diferentes e caracterizados, melhor é a utilização nos programas de melhoramento para desenvolvimento de novas variedades," esclarece o pesquisador e curador do BAG-Soja, Marcelo Fernandes. Marcelo Fernandes de Oliveira, curador do BAG-Soja.

Linha do tempo da soja

Logo na entrada da Vitrine da Embrapa, o visitante poderá ver a soja selvagem (que é perene), e a ancestral "mais próxima" da

soja (*Glycine soja*), cujo ciclo é anual. Além destas, também estarão em exposição algumas cultivares de *Glycine max* (soja cultivada). A cultivar Pelicano, introduzida dos Estados Unidos na década de 1950, se adaptou no Brasil e foi semeada até meados de 1960. Ainda na década de 1960, a pesquisadora Mônica Zavaglia, da Embrapa Soja, cita a cultivar Davis, que devido à resistência às doenças mancha-olho-de-rã e podridão parda da haste perdurou por vários anos e deu origem a outras cultivares.

“Finalmente, em 1966, temos o lançamento da primeira cultivar de soja genuinamente brasileira de importância comercial, que é a cultivar Santa Rosa. Ela é considerada uma das cultivares mais importantes de todos os tempos,

destacando-se em várias décadas”, relata a pesquisadora.

Nas duas décadas seguintes, a soja passa por um processo de expansão no Centro-Norte do Brasil, graças ao desempenho das primeiras cultivares genuinamente brasileiras com adaptação para as baixas latitudes brasileiras. Na década de 1970, o destaque são as cultivares UFV-1, desenvolvida pela Universidade Federal de Viçosa, e a FT Cristalina, desenvolvida pela FT Sementes. Em seguida, foi lançada a primeira cultivar desenvolvida pela Embrapa para o Brasil Central, a cultivar Doko, lançada em 1980. Ainda na década de 1980, destaca-se também a cultivar BR 9 (Savana), com adaptação para BA, TO, MA e PI.

Na década de 1990, o foco dos programas de melhoramento foi direcionado para o aprimoramento da sanidade de raiz, com cultivares resistentes aos nematoides de galha e de cisto. Como destaque desta década, estarão em exposição as cultivares MG/BR 46 – Conquista (com resistência aos dois nematoides formadores de galhas, *Meloidogyne incognita* e *M. javanica*), BRSMG 68 [Vencedora] (com resistência à *Meloidogyne incognita* e moderada resistência à *M. javanica*) e BRSMT Pintado (com resistência às raças 1 e 3 e moderada resistência às raças 4, 10 e 14 do nematoide de cisto da soja).

“É importante mencionar que o nematoide de cisto da soja foi identificado pela primeira vez no Brasil na safra 1991/92,

progredindo rapidamente. Devido à sua resistência, a cultivar BRSMT Pintado foi uma das cultivares mais importantes no Brasil Central desde seu lançamento, sendo semeada até início dos anos 2020, explica Mônica.

A partir dos anos 2000, teve início uma nova geração de cultivares, com a introdução dos transgênicos (soja com resistência ao herbicida glifosato). De acordo com o pesquisador Roberto Zito, da Embrapa Soja, destaca-se a cultivar BRS Valiosa RR, grande contribuição para os sojicultores do Brasil Central. Segundo ele, a busca por cultivares de ciclo e porte de planta que viabilizassem a semeadura do milho 2ª safra, foi o cenário para o sucesso da cultivar BRS 284, registrada em 2007: “grande destaque e continua

sendo cultivada até os dias atuais",
ressalta Zito.

Na década de 2010, depois da entrada dos transgênicos, houve grande redução das áreas com soja convencional, principalmente devido à falta de opções de cultivares. “Neste cenário, a cultivar convencional BRS 8381, de tipo de crescimento indeterminado (novidade para a época), arquitetura diferenciada de plantas, ampla adaptação (recomendada para os estados de GO, DF, MT, BA, TO e MG), ocupou grande espaço e é semeada até os dias atuais”, conta Zito. Outro destaque, nesta década, foi a cultivar transgênica BRS 7380 RR, que deu grande contribuição aos agricultores nas áreas com problemas de nematoides de cisto e formadores de galhas.

Nos anos 2020, com a chegada da plataforma de soja transgênica com a tecnologia BT para o manejo das lagartas, o pesquisador destaca duas cultivares. A primeira é a BRS 5980 IPRO, cultivar precoce e que tem ampla resistência a nematoides de cisto e formadores de galhas. A outra é a cultivar BRS 7881IPRO, o mais recente lançamento, com alta produtividade e resistente aos nematoides de cisto e galha *Meloidogyne javanica*.

Histórico da soja

Há quatro mil anos, a soja era uma planta selvagem, que crescia na costa leste da Ásia. Nesse período, a leguminosa foi domesticada pelos chineses, o que a torna

uma das culturas agrícolas mais antigas do mundo. “A soja semeada atualmente tem a constituição genética da ancestral chinesa, mas ela é diferente tanto em aparência quanto em características morfológicas e de produção”, explica Nepomuceno.

De acordo com a publicação “*A saga da soja: de 1050 a.C. a 2050 d.C*”, editada pela Embrapa Soja, a soja chegou ao Brasil pela Bahia, em 1882, quando foram realizados os primeiros testes com cultivares introduzidas dos Estados Unidos, mas não houve sucesso. Somente após chegar ao RS, em 1914, para testes, e a partir de 1924, em plantios comerciais, é que a soja apresentou adaptação. Porém, a soja obteve importância econômica somente na década de 1960.

Até o final da década de 1970, os plantios comerciais de soja no mundo restringiam-se a regiões de climas temperados e subtropicais, cujas latitudes estavam próximas ou superiores aos 30°. “O produtor brasileiro tinha que usar as cultivares importadas dos Estados Unidos que eram adaptadas apenas para a região Sul do Brasil”, explica o pesquisador Carlos Arias.

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Syngenta tem mudança no negócio de Biologicals & Seedcare

Igor Lyra assume o cargo de “head” de biológicos e cuidados com sementes para o Brasil

03.04.2025 | 17:15 (UTC -3)

Revista Cultivar



A Syngenta anunciou Igor Lyra como novo “head” de Biologicals & Seedcare

(biológicos e cuidados com sementes) no Brasil. Com mais de 17 anos de experiência no setor agrícola, Lyra acumula passagens por cargos estratégicos em empresas e instituições do setor. Anteriormente, atuava na companhia como "head" de Biologicals & Seedcare para a América Latina (Latam).

Engenheiro agrônomo, ele já atuou como gerente de Marketing de Sementes de Milho e Biotecnologia na própria Syngenta, além de ter sido diretor comercial da Nidera e gerente regional de Vendas da Dekalb. Também foi diretor administrativo da Fundação Bahia, onde estruturou o negócio de soja em parceria com a Embrapa.

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Volkswagen confirma produção de nova picape na Argentina

O início da fabricação está previsto para 2027

03.04.2025 | 15:58 (UTC -3)

Claudio Rawicz, edição Revista Cultivar



A Volkswagen acaba de confirmar a produção de uma nova picape média na Argentina. Trata-se da Nova Amarok, que

contará com proporções robustas, superfícies esculpidas e assinatura óptica autêntica. O início da fabricação está previsto para 2027, na planta da Volkswagen em General Pacheco, na província de Buenos Aires. O investimento na fábrica é de 580 milhões de dólares, aplicados entre 2025 e 2029.

O anúncio acontece no mesmo ano em que a marca alemã completa 45 anos no mercado argentino. Ao mesmo tempo, a recém-renovada Amarok V6 seguirá sendo comercializada normalmente na América Latina até a chegada da Nova Amarok.

Impulso para a indústria

O investimento impulsionará a indústria automotiva no continente e reforçará o papel estratégico da VW Argentina como um importante centro de produção de picapes no Grupo Volkswagen. Além disso, o Centro Industrial Pacheco foi a primeira fábrica da Volkswagen no mundo a ser selecionada para a fabricação de picapes, e em 15 anos, mais de 770 mil unidades já foram produzidas.

"Estamos vivendo um processo de mudança fundamental para toda a marca VW. Este projeto representa uma fusão perfeita entre a excelência da engenharia alemã e a tecnologia da próxima geração, garantindo que nossos clientes recebam o melhor produto da categoria. A Argentina e toda a região sul-americana desempenham um papel fundamental

neste esforço. Com o investimento destacamos a importância de nossa planta de produção na Argentina", afirma Thomas Schäfer, CEO da Volkswagen.

O investimento também implica um salto tecnológico no processo produtivo. O aporte inclui mais inovações nas instalações, o que gerará melhorias nos padrões de produtos e ambientais. "A Argentina tem sido peça chave na estratégia regional da Volkswagen, e este investimento reforça nossa confiança em suas capacidades industriais. A nova picape estabelecerá um novo marco no segmento, combinando desempenho, inovação e sustentabilidade", acrescenta Alexander Seitz, Chairman Executivo da Volkswagen na Região América do Sul.

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Abbins elege nova diretoria

Rafael Garcia foi escolhido para assumir a presidência neste novo ciclo

03.04.2025 | 14:07 (UTC -3)

Gisele Gomes, edição Revista Cultivar



A Associação Brasileira de Bioinsumos (Abbins) elegeu, no último mês, a nova diretoria que conduzirá a entidade pelos próximos três anos. Em Assembleia Geral

Ordinária e Extraordinária, também foram aprovados os balanços dos últimos anos, das contas da administração e do orçamento financeiro de 2025, além da eleição de membros para o Conselho Fiscal.

Rafael Garcia (na foto acima), engenheiro agrônomo graduado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, fundador e atual CEO da Agrobiológica Sustentabilidade, foi escolhido para assumir a presidência da Abbins neste novo ciclo.

Garcia destacou a honra de ocupar a posição e poder contribuir para construir uma agricultura diferente. “Se hoje temos uma Lei de Bionsumos, a Abbins foi essencial para agregar outras entidades e

outros atores da sociedade na busca de uma regulamentação mais justa para a indústria e agricultores”, celebrou.

Conselho Diretivo

O Conselho Diretivo, órgão máximo de gestão da associação, será composto por cinco membros. Além de Garcia, foram eleitos Marcos Bellini, representante da TopBio - Sistemas Biológicos (vice-presidente), Ueno Neto da Hubio BioPar (diretor financeiro), Rose Monnerat, representante da Solubio (diretora jurídica e de relações institucionais) e Fabio Rossigalli da Bioworld (diretor de comunicação e estratégia).

Após três anos de atividades no conselho, os membros terão a possibilidade de

reeleição para um único período
subsequente.

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Amaggi e Natural Carbon lançam projeto de agricultura regenerativa

O objetivo é gerar créditos de carbono por meio de práticas sustentáveis

03.04.2025 | 10:38 (UTC -3)

Revista Cultivar, a partir de informações de Carolina Holland



A Amaggi e a Natural Carbon anunciaram parceria para o desenvolvimento de projeto de agricultura regenerativa. O objetivo é gerar créditos de carbono por meio de práticas sustentáveis em uma fazenda da Amaggi, localizada em Rondônia. O projeto será certificado pela Verra e utiliza a metodologia VM 0042.

A parceria visa transformar uma área de 25 mil hectares de pastagens degradadas e culturas com manejo convencional em um modelo de agricultura regenerativa.

O projeto prevê a utilização de práticas como o plantio direto, rotação de culturas e o uso de culturas de cobertura, que ajudam a capturar CO₂ da atmosfera e armazená-lo no solo.

O sequestro de carbono no solo é visto como uma solução escalável para reduzir os efeitos das mudanças climáticas.

Conforme comunicado das empresas, projetos semelhantes em outros países, como a Romênia e a Europa, têm demonstrado o potencial dessa abordagem para gerar créditos de carbono de forma mensurável e verificável.

O projeto será monitorado por meio de tecnologias de geoprocessamento e sensoriamento remoto. A quantificação dos créditos de carbono será realizada com base na medição física do solo e modelagem computacional avançada, garantindo precisão e transparência no processo.

Com a geração de créditos do tipo Removals, que representam a remoção efetiva de CO₂ da atmosfera, o projeto contribuirá para a mitigação das mudanças climáticas e para a preservação dos ecossistemas.

"O desafio da descarbonização do setor agrícola é coletivo. Com essa parceria, estamos promovendo um agronegócio mais sustentável e comprometido com o futuro", afirmou Juliana Lopes (foto acima), diretora de ESG, Comunicação e Compliance da Amaggi.

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

São Paulo endurece multas para incêndios criminosos

Governo anunciou o início da fase amarela da Operação São Paulo Sem Fogo

02.04.2025 | 16:36 (UTC -3)

Revista Cultivar, a partir de informações da Agência SP



O Governo de São Paulo anunciou o início da fase amarela da Operação São Paulo

Sem Fogo, voltada à prevenção e preparação para o período crítico da estiagem. Entre as medidas, estão a compra de equipamentos, treinamentos, reforço de equipes e ampliação da estrutura de combate a incêndios.

Uma das principais mudanças é o endurecimento das penalidades para quem provocar queimadas ilegais. Alterações na legislação ambiental preveem multas específicas para proprietários rurais que não adotarem medidas preventivas, variando entre R\$ 5 mil e R\$ 10 milhões. Quem causar incêndios em áreas produtivas ou vegetação sem autorização poderá pagar R\$ 3 mil por hectare atingido, com possibilidade de dobrar em casos mais graves.

Além do aumento nas punições, o governo investirá R\$ 17,3 milhões na compra de 101 veículos e 336 equipamentos para a Defesa Civil, com entrega prevista para maio. Também serão realizadas 15 oficinas preparatórias, distribuindo kits de proteção e combate às queimadas para cerca de 200 municípios prioritários.

Outra iniciativa é a ampliação do Centro de Gerenciamento de Emergência (CGE), que contará com um novo serviço de meteorologia para previsões mais precisas. Na área ambiental, a Fundação Florestal destinará R\$ 11 milhões para ações de prevenção e combate, incluindo a contratação de bombeiros civis e aquisição de equipamentos.

O Departamento de Estradas de Rodagem (DER/SP) também investirá mais de R\$ 300 milhões na manutenção de rodovias, com serviços de roçada e capina para reduzir o risco de queimadas nas faixas de domínio.

Em 2024, São Paulo enfrentou a maior seca da história, mobilizando 15 mil pessoas e investindo R\$ 260 milhões no combate aos incêndios. Com os novos recursos e medidas de prevenção, o governo busca reduzir ocorrências e aprimorar a resposta durante o período crítico.

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Podridão peduncular cresce em pomares e ameaça safra de laranja

A infecção provoca rachaduras nos ramos, podridão em pedúnculos e frutos

02.04.2025 | 15:09 (UTC -3)

Daniele Merola, edição Revista Cultivar



A podridão peduncular, também conhecida como podridão de ramos, gomose de

ramo ou Bot gummosis (em inglês), tem preocupado citricultores devido ao aumento da sua incidência nos últimos meses. A doença é causada por fungos da família *Botryosphaeriaceae*, ou “fungos Bot”, incluindo *Lasiodiplodia* e *Dothiorella*, que se tornam patogênicos quando as plantas enfrentam estresse, como altas temperaturas, seca intensa e outras doenças.

Nos pomares paulistas, o estresse térmico e hídrico registrado entre fevereiro e março favoreceu a disseminação da doença. A infecção provoca rachaduras nos ramos, podridão em pedúnculos e frutos, além de exsudação de goma, podendo levar ao secamento parcial ou total da copa das árvores.

“Tivemos um período de altas temperaturas e déficit hídrico em fevereiro e março deste ano, o que deixou as plantas bastante afetadas, em algumas situações. Além das questões climáticas, as plantas também estavam com outras doenças, o que as deixaram vulneráveis às infecções pelos fungos Bot. Ao chover, o ambiente ficou mais úmido e os fungos infectaram e colonizaram os tecidos das plantas e os sintomas foram observados”, destaca o pesquisador do Fundecitrus Geraldo Silva Junior.

Controle da doença

O controle da podridão peduncular exige monitoramento constante e um manejo integrado com práticas culturais,

defensivos químicos e biológicos e medidas para reduzir o estresse das plantas, como o uso de protetores solares. Como a doença era considerada secundária no cinturão citrícola, ainda há poucos estudos sobre o controle eficaz nas condições brasileiras.

O Fundecitrus já iniciou pesquisas para identificar as espécies de fungos envolvidas e avaliar estratégias de manejo. Enquanto isso, citricultores podem buscar orientação direta com os técnicos da entidade para minimizar os impactos da doença nas lavouras.

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Nova técnica aumenta viabilidade do fungo "Trichoderma"

Cientistas desenvolveram uma técnica sustentável para a produção do fungo que controla doenças agrícolas

01.04.2025 | 15:42 (UTC -3)

Cristina Tordin



Foto: Gerald Holmes

Pesquisadores brasileiros desenvolveram um método inovador para a produção e formulação do fungo *Trichoderma asperelloides*, considerado uma ferramenta-chave no controle biológico de doenças que afetam plantas cultivadas. Esse avanço, fruto de esforços conjuntos da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e da Embrapa Meio Ambiente (SP), utiliza um sistema baseado na aplicação de farinha de arroz como substrato para o chamado "biorreator em grânulo". A farinha de arroz é um subproduto agroindustrial de baixo custo e amplamente disponível.

Essa abordagem alia eficiência, sustentabilidade e economia. Desse modo, ela representa uma alternativa prática e acessível que não apenas reduz

custos, mas também prolonga a vida útil do produto final. “Nosso método não só amplia a produção de conídios, mas também aumenta a estabilidade do produto, tornando-o mais acessível e eficaz para o agricultor”, detalha Lucas Guedes, pesquisador da Unesp, que desenvolveu a sua tese de doutorado no tema.



O grande diferencial da pesquisa está no uso de grânulos secos (foto acima) contendo conídios do fungo, que funcionam como “sementes” biológicas. Quando armazenados sob refrigeração, esses grânulos mantêm sua viabilidade por mais de 24 meses, garantindo estabilidade mesmo em períodos prolongados. Essa durabilidade é essencial para aplicações em larga escala na agricultura. Quando incorporados ao solo, o *Trichoderma* contido nos grânulos mostra-se eficaz no controle de escleródios de *Sclerotinia sclerotiorum*, patógeno causador de uma doença severa conhecida como mofo branco. Essa doença afeta diversas culturas de alto valor econômico, como soja, feijão,

algodão e tomate, causando perdas significativas de produção.

Fontes de nitrogênio aumentaram a eficiência

A investigação focou em cinco fatores críticos no processo de fermentação do fungo utilizando a farinha de arroz como base. Os pesquisadores descobriram que a adição de 0,1% de nitrogênio ao substrato resultou em um aumento significativo na produção de *Trichoderma*, avaliada pelo número de unidades formadoras de colônias (UFCs), parâmetro usado para medir a viabilidade do fungo.

Adicionalmente, o estudo apontou que fontes complexas de nitrogênio, como levedura hidrolisada e licor de milho, superaram fontes inorgânicas tradicionais, como o sulfato de amônio, na eficiência do processo. “Essa descoberta reforça a importância de explorar alternativas menos convencionais e mais sustentáveis na agricultura”, complementa Guedes.

Outro ponto crucial foi a adoção de embalagens especiais com controle de umidade e oxigênio. Segundo os pesquisadores, esses materiais ajudam a manter a viabilidade dos conídios, estruturas produzidas por *Trichoderma*, mesmo em condições de armazenamento à temperatura ambiente, ampliando a aplicabilidade do produto no campo e

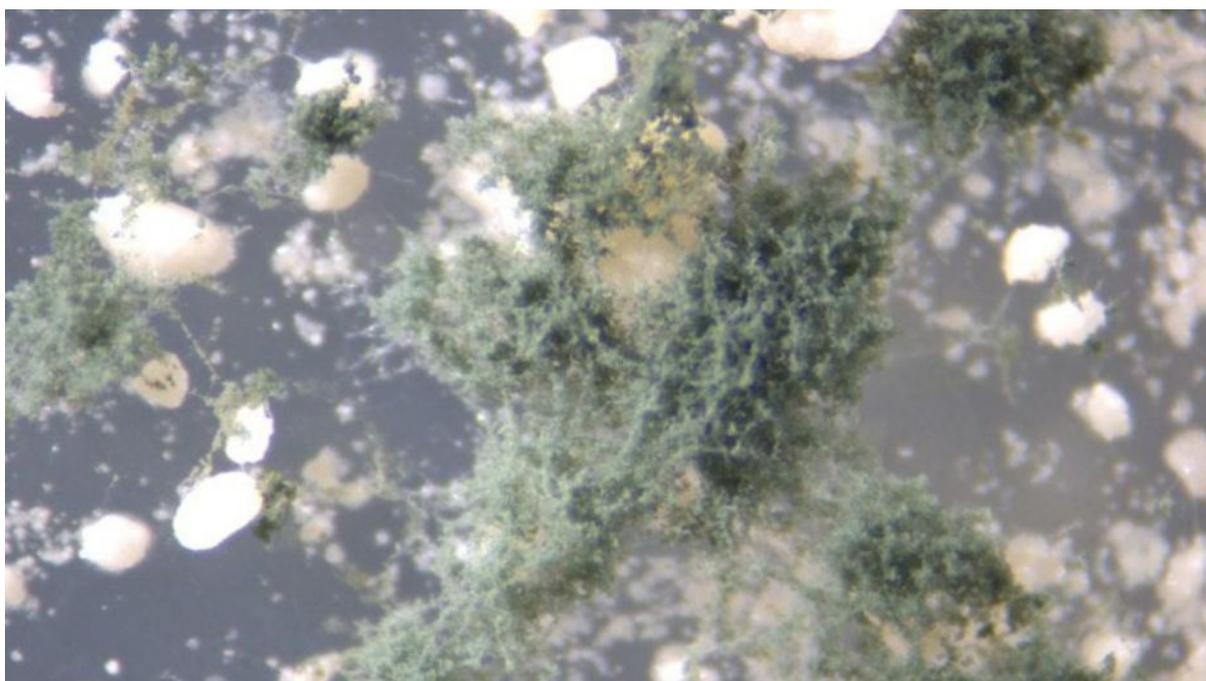
reduzindo perdas.

Impacto econômico e ambiental

Gabriel Mascarin, da Embrapa, destaca que o uso de farinha de arroz como substrato se torna ainda mais relevante no atual cenário de aumento nos preços do arroz no Brasil. “A substituição pelos subprodutos agrícolas, como o arroz quebrado, não apenas reduz custos, mas também promove a sustentabilidade ao valorizar materiais que seriam descartados”, observa. Ele relata que esse modelo é inovador e está alinhado com o conceito de economia circular, promovendo o uso integral de resíduos agroindustriais.

Wagner Bettioli, também da Embrapa, reforça o potencial dos grânulos para atuar como pequenos biorreatores no solo. “Eles liberam o fungo de forma gradual e eficiente, otimizando o controle de patógenos sem gerar resíduos adicionais no ambiente, pois tanto na produção do fungo quanto na da formulação não ocorre a geração de resíduos.”

Redução de fungicidas químicos e ampliação de aplicações



O uso do *Trichoderma asperelloides* é amplamente reconhecido como alternativa ao uso de fungicidas químicos, que frequentemente geram resistência dos patógenos e têm impactos negativos no meio ambiente. A nova metodologia, por sua vez, apresenta um avanço significativo.

“Esse tipo de formulação poderá ser utilizado no controle de ampla variedade

de fitopatógenos do solo, como *Fusarium*, *Rhizoctonia* ([saiba mais aqui](#)) e *Pythium*, além de nematoides, caso o isolado seja específico para esse propósito”, explica Bettiol. “Isso expande as possibilidades de uso para diversas culturas agrícolas, desde hortaliças até grandes lavouras como soja e algodão.”

Além disso, a maioria dos produtos à base de *Trichoderma* disponíveis no mercado brasileiro utiliza uma única metodologia, baseada na produção de esporos em grãos de arroz. A nova abordagem diversifica os métodos e reduz os custos de produção, tornando o controle biológico ainda mais competitivo.

Um futuro promissor para a agricultura brasileira

Os pesquisadores contam que a agricultura brasileira, caracterizada por sua diversidade de culturas e desafios fitossanitários, pode se beneficiar amplamente dessa inovação.

Especialmente por causa de uma demanda crescente por soluções agrícolas sustentáveis.

Ao integrar sustentabilidade, economia e eficácia, a técnica reafirma o Brasil como um dos principais líderes em inovações agrícolas. Produtos derivados dessa pesquisa têm potencial para atender tanto ao mercado interno quanto às

exportações, ampliando as fronteiras da agricultura sustentável.

Mais detalhes sobre os produtos biológicos, à base de *Trichoderma*, registrados no Brasil podem ser consultados na base Agrofit do Ministério da Agricultura (Mapa), uma ferramenta fundamental para profissionais do setor agrícola. Esse avanço reforça a relevância de pesquisas nacionais no desenvolvimento de soluções acessíveis e de impacto global.



Foto: Gerald Holmes

Principais usos do "Trichoderma" no controle biológico

1. Controle de mofo branco (*Sclerotinia sclerotiorum*)

Previne e combate o patógeno que causa perdas severas em culturas como soja, feijão e algodão (foto acima).

2. Controle de outros fitopatógenos do solo

Eficaz contra doenças causadas por *Fusarium*, *Rhizoctonia*, *Sclerotium* e *Pythium*, comuns em diversas culturas agrícolas.

3. Proteção de hortaliças e plantas ornamentais

Atua na prevenção de doenças que afetam o tomate, alface, ornamentais e outras plantas de valor comercial.

4. Controle de nematoides

Alguns isolados de *Trichoderma* são recomendados para reduzir populações de nematoides, organismos que afetam raízes e comprometem o desenvolvimento das plantas.

5. Substituição de fungicidas químicos

Reduz a dependência de produtos químicos, oferecendo uma solução sustentável e ambientalmente responsável.

6. Melhoria do solo agrícola

Promove um ambiente mais saudável no solo, aumentando a resistência natural das plantas a patógenos e melhorando a produtividade.

Além de ser uma alternativa sustentável e econômica, o *Trichoderma* apresenta eficácia comprovada em diversas culturas e contribui para práticas agrícolas mais seguras e ambientalmente corretas.

Artigo

O trabalho, que pode ser acessado no link abaixo, é assinado por Lucas Guedes Silva (Universidade Estadual Paulista , Unesp), Renato Camargo (Universidade de São Paulo – USP), Camila Fávaro, (Universidade Federal de São Carlos – UFSCar), Peterson Nunes (Universidade Federal de Lavras - UFLA), Cristiane Farinas e Caue Ribeiro (Embrapa Instrumentação) e Gabriel Mascarin e Wagner Bettiol (Embrapa Meio Ambiente).



[Clique aqui para baixar o PDF](#)
[Click here to download the PDF](#)

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Pesquisa indica expansão da lagarta Rachiplusia nu em soja Bt no Brasil

A pesquisa identificou variações na presença das duas pragas de acordo com a região e o tipo de soja

01.04.2025 | 08:05 (UTC -3)

Revista Cultivar



Foto: Alberto Luiz Marsaro Júnior

A presença da lagarta *Rachiplusia nu*, tradicionalmente associada às regiões temperadas da América do Sul, tem se intensificado nas lavouras de soja do Brasil. Estudos realizados entre as safras de 2021 a 2024 revelaram que esta praga tornou-se predominante em áreas com soja geneticamente modificada (Bt), especialmente nas variedades que expressam a proteína Cry1Ac ([saiba mais sobre "Bacillus thuringiensis" aqui](#)).

O aumento da incidência de *R. nu*, aliado à dificuldade de diferenciar suas larvas das de *Chrysodeixis includens*, tem gerado preocupação entre os produtores e pesquisadores, principalmente no que se refere à resistência a tecnologias de controle ([saiba mais sobre "Chrysodeixis includens" aqui](#)).

De acordo com o estudo recente, a coleta de 1.601 larvas em 91 campos de soja nas principais regiões produtoras do Brasil revelou que, em 2023/24, *R. nu* representou até 99% das larvas em campos com soja Bt.

A pesquisa utilizou métodos moleculares para identificar com precisão as espécies de Plusiinae, confirmando que, embora *C. includens* continue a ser uma praga importante, especialmente em sojas não-Bt, *R. nu* tem demonstrado uma adaptação rápida às culturas transgênicas.

O estudo destaca que, até 2020, a *R. nu* era uma praga secundária nas regiões centrais e do sul do Brasil. No entanto, a partir de 2021, a espécie começou a mostrar sinais de resistência à proteína

Cry1Ac, utilizada nas primeiras gerações de soja Bt.

Além disso, a pesquisa identificou variações na presença das duas pragas de acordo com a região e o tipo de soja. Enquanto *C. includens* ainda domina em algumas áreas de soja não-Bt, especialmente no Centro-Oeste, *R. nu* tem se mostrado a principal praga em lavouras com soja Bt, particularmente nas variedades que expressam Cry1Ac e Cry1F.

[Saiba mais sobre "Rachiplusia nu" clicando aqui.](#)

Mais informações podem ser obtidas em doi.org/10.3390/insects16040365

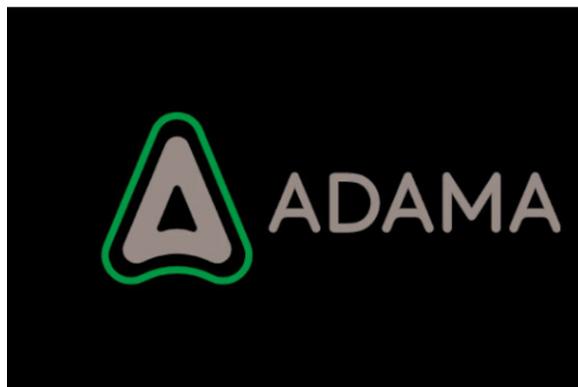
[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Adama anuncia Eric Dereudre como "Chief Commercial Officer"

Com 30 anos de experiência no setor agrícola, ele chega à empresa após passagem pela Corteva Agriscience

01.04.2025 | 07:13 (UTC -3)

Revista Cultivar, a partir de informações de Tal Moise



A Adama Ltd. anunciou a nomeação de Eric Dereudre para o cargo de diretor

comercial ("Chief Commercial Officer" - CCO). Ele inicia os trabalhos imediatamente. Com 30 anos de experiência no setor agrícola, Dereudre chega à empresa após passagem pela Corteva Agriscience, onde atuou como Vice-presidente de Assuntos Governamentais e Industriais, além de liderar a região da Europa Ocidental nos setores de sementes e proteção de culturas.

Durante sua carreira, Dereudre passou por diversas funções de liderança em empresas como Dow AgroSciences, onde iniciou sua trajetória. Com experiência em vendas e marketing na Europa e África, ele também desempenhou papel importante na unificação pós-fusão da Dow e DuPont, liderando a organização

comercial da Europa Ocidental.

Ao longo dos anos, esteve fortemente envolvido com associações do setor de proteção de cultivos, incluindo a CropLife International, onde exerceu papéis de liderança, incluindo o cargo de CEO interino e presidente.

Gael Hili, presidente e CEO da Adama, afirmou que a nomeação reforça a estrutura comercial da empresa. Segundo Hili, a chegada de Dereudre permitirá que as equipes da empresa se concentrem mais nas necessidades locais dos clientes, ao mesmo tempo em que aproveitam a expertise global para impulsionar a excelência comercial.

Em sua declaração, Dereudre expressou entusiasmo em se juntar à Adama,

destacando a importância da empresa no setor de proteção de cultivos e seu compromisso com soluções que atendem às necessidades dos agricultores. Ele afirmou ainda estar ansioso para trabalhar com as equipes globais da Adama, visando fortalecer a estratégia comercial e continuar trazendo inovação e valor aos clientes da empresa.

Dereudre possui mestrado em agronomia pela L'Institut Agro Rennes-Angers, na França, e MBA pela Northwood University, em Michigan.

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

FMC e Bayer firmam acordo para comercializar herbicida Isoflex na Europa

Colaboração visa expandir o controle de ervas daninhas resistentes em cereais e outras culturas

31.03.2025 | 17:42 (UTC -3)

Revista Cultivar, a partir de informações da FMC



 *powered by*
ISOFLEXTM active



FMC

A FMC Corporation anunciou parceria com a Bayer para a comercialização de produtos contendo o ingrediente ativo de marca comercial Isoflex (bixlozona, bixlozone, CAS 81777-95-9) na União Europeia (UE) e na Grã-Bretanha.

Conforme material da FMC, Isoflex é um herbicida de nova geração que controla de forma duradoura ervas daninhas chave, incluindo aquelas resistentes a outros herbicidas. Classificado pelo Comitê de Ação para a Resistência a Herbicidas (HRAC) como herbicida do Grupo 13, Isoflex recebeu registro na Grã-Bretanha em 2024 e espera-se que seja registrado na UE em 2025, dependendo das decisões regulatórias.

De acordo com Ronaldo Pereira, presidente da FMC, o acordo permitirá à empresa ampliar seu acesso ao mercado da UE e da Grã-Bretanha, regiões que possuem cerca de 30 milhões de hectares de cereais de inverno plantados.

"Acreditamos que Isoflex será uma ferramenta importante para os produtores europeus no controle de ervas daninhas resistentes, especialmente as gramíneas", afirmou Pereira.

Pelo acordo, ambas as empresas levarão produtos com Isoflex ao mercado de cereais de inverno e colza na UE e na Grã-Bretanha. A FMC planeja comercializar suas próprias formulações com Isoflex para os mercados de cereais de inverno, milho, colza e batata.

Já a Bayer ficará responsável pela submissão de registros e comercialização de misturas contendo o ativo para uso em cereais de inverno, além de distribuir uma formulação desenvolvida pela FMC para uso na colza.

Frank Terhorst, vice-presidente executivo de estratégia e sustentabilidade da divisão de Ciências Agrícolas da Bayer, destacou a importância da colaboração: "Diante das mudanças climáticas e da pressão sobre os sistemas alimentares, os produtores precisam de ferramentas eficazes para o controle das ervas daninhas. Herbicidas como Isoflex desempenham um papel fundamental nesse processo, contribuindo para a segurança alimentar."

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Demanda crescente eleva preços de fretes no Brasil, diz Conab

Crescimento na procura por fretes, escassez de prestadores de serviço e reajuste do diesel são fatores chave

31.03.2025 | 17:32 (UTC -3)

Conab, edição Revista Cultivar



A movimentação de produtos agropecuários no Brasil tem sido

fortemente impactada pela alta demanda por fretes, que, de acordo com o Boletim Logístico da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), resultou no aumento dos preços do transporte em várias regiões do país. O relatório, divulgado nesta segunda-feira (31/3), destaca que o crescimento na procura por fretes, aliado à escassez de prestadores de serviço e ao reajuste do diesel, tem impulsionado as cotações de frete em estados como Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Piauí e São Paulo. Em Mato Grosso, a intensificação da colheita e os custos resultaram em um aumento dos preços no final de fevereiro. Já no Piauí os valores subiram, puxados pelo início antecipado da colheita da soja,

chegando a 39% na média. No Maranhão, os embarques de soja pelo sistema multimodal da VLI elevaram os fretes em 26,8% na rota de Balsas ao Terminal Portuário de São Luís.

Na Bahia, enquanto algumas praças registraram aumentos devido à maior demanda, em Irecê houve redução, reflexo da ampliação da oferta de prestadores de serviço. Em São Paulo, os valores subiram levemente, e seguem nos maiores patamares históricos recentes, devido à concorrência por caminhões com outras regiões produtoras. No Paraná, a valorização da soja impactou diretamente os fretes, com aumentos de 20% em Campo Mourão, 19,35% em Cascavel e 11,94% em Ponta Grossa.

Em Goiás, a dificuldade em encontrar caminhões e a alta demanda por transporte, especialmente para os portos de Santos e Paranaguá, refletiram nos preços. Já no Distrito Federal, os aumentos foram de 12% a 15%, com destaque para as rotas de Araguari (MG), Santos (SP) e Imbituba (SC). Em Mato Grosso do Sul, a alta nos fretes foi impulsionada pela colheita das culturas de verão e pela elevação do ICMS, resultando em custos elevados para o escoamento da safra.

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Malu Weber assume liderança de comunicação da divisão agrícola da Bayer para a América Latina

Karina Fiorezi passa a integrar o time global de comunicação da divisão agrícola

31.03.2025 | 16:44 (UTC -3)



Malu Weber - Foto: Cássia Cinque

A executiva Malu Weber, atual vice-presidente de comunicação corporativa do Grupo Bayer Brasil, passa a responder também pela liderança de comunicação da divisão agrícola para a América Latina. Karina Fiorezi, que ocupava o cargo, passa a integrar o time global de comunicação da divisão agrícola, com foco em inovação e suporte à área de pesquisa e desenvolvimento.

Com esta movimentação, Malu Weber passa a ter assento tanto na equipe executiva da Bayer Crop Science para América Latina quanto no time global de comunicação da divisão agrícola, além dos assentos no board de negócio do Grupo Bayer Brasil e do time global de comunicação, que ocupa desde 2020.

"Muito feliz com o convite que recebi do Mauricio Rodrigues, líder que respeito e admiro muito, e com a oportunidade de ampliar minha atuação em uma empresa em que a comunicação se fortalece e reflete a estratégia dos negócios. A divisão agrícola da Bayer está focada em ouvir o produtor rural e ajudá-lo a produzir mais, com maior rentabilidade e regenerando a terra o meio ambiente. É nosso compromisso com o futuro da agricultura", comenta a executiva.

Jornalista com mais de 25 anos de experiência, Malu Weber ingressou na companhia em agosto de 2020, após passagens por empresas nacionais e multinacionais como Johnson & Johnson, Grupo Votorantim e Grupo Globo (EPTV Campinas). Atualmente ocupa a

presidência do Conselho Deliberativo da Aberje (Associação Brasileira de Comunicação Empresarial).

Mentora, palestrante e articulista, iniciou no mundo acadêmico em 2017, como professora de gestão de reputação, com passagens pela Link School of Business, Aberje e ESPM. Eleita, em 2024, uma das líderes mais influentes das Américas pela Horse Consultoria.

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Abelhas melíferas usam aprendizado sequencial para antecipar recompensas

No experimento, as abelhas foram treinadas a reconhecer um padrão visual alternado

31.03.2025 | 07:03 (UTC -3)

Revista Cultivar



Estudo revelou que as abelhas melíferas (*Apis mellifera*) são capazes de aprender sequências de eventos e prever recompensas futuras com base em estímulos visuais. A pesquisa, realizada pela Universidade da Califórnia em San Diego, mostrou que, mesmo quando os eventos estão separados por intervalos de minutos, as abelhas podem usar essa sequência de informações para tomar decisões mais eficazes durante a busca por alimento.

No experimento, as abelhas foram treinadas a reconhecer um padrão visual alternado entre dois alimentadores, sendo que apenas um deles oferecia recompensa a cada visita.

O desafio foi que o alimentador com recompensa variava, e a abelha precisava inferir que o padrão anteriormente não recompensado seria o próximo a oferecer alimento.

A pesquisa observou que, com o tempo e experiência, as abelhas conseguiram fazer escolhas corretas com maior frequência, superando a expectativa de acertos por acaso.

Os resultados foram obtidos a partir de 320 visitas de 20 abelhas diferentes, que participaram de experimentos ao longo de vários dias. Durante a primeira metade das visitas, as abelhas não mostraram um desempenho melhor do que o esperado por acaso.

No entanto, à medida que as visitas progrediam, o desempenho melhorava, com uma taxa de acerto de 63,4% na segunda metade das visitas. Este aumento no desempenho é atribuído ao aprendizado da sequência de recompensas.

Além disso, o estudo descartou a possibilidade de que as abelhas estivessem utilizando pistas olfativas ou locais específicas dos alimentadores, uma vez que os experimentos de controle mostraram que o sucesso no aprendizado estava relacionado apenas aos padrões visuais e à alternância das recompensas.

Mais informações podem ser obtidas em doi.org/10.3390/insects16040358

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)

Otimização do uso de fertilizantes: desafios e soluções

Por Walder Antonio Gomes de Albuquerque Nunes e Adriana Marlene Moreno Pires, da Embrapa Agropecuária Oeste

31.03.2025 | 06:08 (UTC -3)



Diversos fatores influenciam a produtividade das culturas, podendo ser classificados como bióticos, relacionados

aos seres vivos ligados ao processo produtivo, além de fatores abióticos, dentre os quais destacam-se o clima, a física e a fertilidade do solo. Dentre esses últimos, a fertilidade do solo é o mais facilmente manejável, sendo inegável a relevância do uso de fertilizantes, corretivos e condicionadores de solo para proporcionar um melhor ambiente produtivo.

No entanto, o Brasil importa aproximadamente 85% dos cerca de 41 milhões de toneladas de fertilizantes que consome anualmente. Entre os macronutrientes essenciais, importamos 90% dos nitrogenados (Rússia, China e Oriente Médio), 75% do fosfatados (China, Marrocos e Rússia) e 90% dos potássicos (Belarus, Canadá e Rússia). Registre-se

que, afortunadamente, nossa principal commodity agrícola, a soja, não depende de fertilizante nitrogenado, resultado obtido por intensas pesquisas na fixação biológica de nitrogênio (FBN).

Essa dependência externa, uma questão de segurança e soberania nacional, é extremamente desconfortável para um player de nossa importância na agricultura mundial, principalmente porque uma parte expressiva desses fertilizantes provém de regiões politicamente instáveis, o que facilita a ação de especuladores e tem ocasionado elevações bruscas em seus preços.

Entre os fertilizantes consumidos em maiores quantidades, o fósforo (P) e o potássio (K) dependem exclusivamente de

reservas minerais, mas o nitrogênio (N) pode ser obtido a partir do gás natural ou de processo que fixa o N atmosférico, este último com grande consumo de energia elétrica.

Importante destacar que essa situação incômoda não ocorre em relação ao calcário (corretivo de acidez) e do gesso agrícola (condicionador do solo), nos quais somos autossuficientes.

As ações para reverter parcialmente essa dependência externa na obtenção dos fertilizantes, visando reduzi-la para 50% até 2050, incluem a prospecção de jazidas, o estímulo ao aumento da produção interna e o equacionamento de questões ambientais e logísticas, detalhadas no Plano Nacional de

Fertilizantes, elaborado por um Grupo de Trabalho Interministerial, que foi recentemente revisto em suas metas.

Ainda próximo dessa linha de ação, podemos citar o uso, como fertilizantes, de resíduos minerais ou orgânicos oriundos de cadeias industriais ou agroindustriais, o que proporciona adicionalmente uma oportunidade tangível de reduzir a geração de gases de efeito estufa e de reciclar nutrientes que, de outra forma, seriam destinados a aterros sanitários.

Uma outra abordagem para equacionar esse problema é através da redução das quantidades requeridas de fertilizantes, decorrente do aumento da eficiência de uso desse insumo, sem comprometimento das produtividades. Constata-se que

depois do advento dos fertilizantes minerais, a forma de fertilizar as culturas ficou praticamente inalterada durante décadas: fontes solúveis de N, P e K ainda são aplicadas ao solo, frequentemente com reduzida taxa de aproveitamento pelas culturas. Para exemplificar, estima-se que apenas 50% dos nutrientes aplicados sejam efetivamente utilizados pelas plantas, havendo perdas por fixação ao solo (P), lixiviação (N e K) e volatilização (N).

Eficiência de uso dos fertilizantes

O aumento da eficiência de uso dos fertilizantes requer diferentes estratégias,

sendo que a mais utilizada é sincronizar a liberação dos nutrientes com o desenvolvimento das culturas, de forma a deixá-los disponíveis à medida que avança o ciclo das plantas, que atinge demanda máxima na fase de enchimento de grãos. O exemplo mais notório envolve o nitrogênio, em que são utilizadas técnicas de encapsulamento físico dos grânulos dos fertilizantes e/ou uso de substâncias retardantes químicos ou bioquímicos, o que é amplamente utilizado com a ureia, fonte de N mais comum no mercado.

A fonte natural de P mais utilizada é a rocha fosfática (fosfato de cálcio), que deve ser submetida a tratamento ácido para aumentar sua solubilidade no solo. No entanto, formas muito solúveis, como o

MAP (monoamônio fosfato), quando aplicadas em solos argilosos tropicais, estão sujeitas a fixação do P nos óxidos, ficando rapidamente indisponíveis para as plantas. Decorre desse processo que, embora nossos solos agrícolas já apresentem elevados níveis de fósforo devido ao longo histórico de fertilizações, parte expressiva desse elemento não permanece acessível às plantas. Para resolver esse problema, recentemente foram desenvolvidos produtos biológicos que conseguem disponibilizar parte desse fósforo, diminuindo a necessidade de adicionar fertilizantes.

As abordagens acima citadas foram obtidas após anos de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) pela Embrapa, universidades e outras

instituições públicas de pesquisa e da iniciativa privada e não prescindem de soluções que envolvam o uso de plantas mais eficientes, bioestimulantes e aprimoramentos nos sistemas de produção. Apenas para exemplificar, o uso de plantas de cobertura pode reduzir alguns desses processos de perda de nutrientes ao proporcionar uma ciclagem entre as camadas mais profundas e a superfície do solo, sinalizando que estratégias combinadas podem ser mais eficientes para o aumento da eficiência das fertilizações.

Dessa forma, entende-se que para manter o histórico de sucesso de nossa agricultura, com aumentos consistentes de produtividade, são necessários avanços constantes nas tecnologias de fertilidade

do solo e manejo de plantas,
proporcionando maior eficiência, menores
custos e menores impactos ambientais.

**Por **Walder Antonio Gomes de
Albuquerque Nunes e Adriana Marlene
Moreno Pires**, da *Embrapa Agropecuária
Oeste**

[RETORNAR AO ÍNDICE](#)



A revista **Cultivar Semanal** é uma publicação de divulgação técnico-científica voltada à agricultura.

Foi criada para ser lida em celulares.

Circula aos sábados.

Grupo Cultivar de Publicações Ltda.

revistacultivar.com.br

FUNDADORES

Milton de Sousa Guerra (*in memoriam*)

Newton Peter (diretor)

Schubert Peter

EQUIPE

Schubert Peter (editor)

Charles Ricardo Echer (coordenador)

Rocheli Wachholz

Miriam Portugal

Nathianni Gomes

Sedeli Feijó

Franciele Ávila

Ariadne Marin Fuentes

CONTATO

editor@grupocultivar.com

comercial@grupocultivar.com